

A CARNE
Júlio Ribeiro

Ao príncipe do Naturalismo
Emílio Zola

Aos meus amigos
Luís de Mattos, M.H. de Bittencourt, J.V. de Almeida e Joaquim Elias

Ao distinto fisiólogo
Dr. Miranda Azevedo
O.D.C.

Júlio Ribeiro

Aos meus editores, os irmãos Teixeira:

Ingratidão seria e injustiça não consignar aqui, na frente deste livro, o nome dos irmãos Teixeira, desses livreiros ousados aos quais já tanto devem as nossas letras.

Inteligentes, ativos, empreendedores e, sobretudo, honrados, eles abrem um exemplo raro nesta pátria tão auspicioso, e todavia tão descrente: conhecendo quanto vale o labor cerebral, eles acoroçam-nos, levantam-no, remuneram-no.

O sucesso já lhes tem coroado os cometimentos; mores triunfos lhes reserva o futuro.

Quando, nesta terra paulista, for a pena um instrumento de abundância, mais ainda, de riqueza, lembrem-se os homens de letras de que foram os irmãos Teixeira os primeiros a dar cotação no mercado de S. Paulo ao trabalho literário.

Ao sr. Émile Zola:¹

Não sou temerário, não tenho a pretensão de seguir vossas pegadas; mas não é pretender seguir vossas pegadas escrever um simples estudo naturalista.

Ninguém vos imita, todos vos admiram.

“Nós nos inflamamos, diz Ovídio, quando se agita o deus que vive em nós”: pois bem o pequenino deus que vive em mim, agitou-se e eu escrevi *A carne*.

Não é *L'assomoir*, não é *La curée*, não é *La terre*; mas... uma candeia não é o sol, e todavia uma candeia ilumina.

Seja o que for, aqui está a minha obra.

Aceitareis a dedicatória que dela vos faço? Por que não? Os reis, embora cheios de riquezas, nem sempre desprezam os presentes mesquinhos dos pobres camponeses.

Permiti que vos preste minha homenagem completa, vassala, de servidor fiel, tomando de empréstimo as palavras do poeta florentino: *Tu duca, tu signore, tu maestro*.²

São Paulo, 25 de janeiro de 1888

¹ O texto abaixo, escrito originalmente em francês, é aqui apresentado em tradução.

² Citação de Dante Aligheri: “Tu duque, tu senhor, tu mestre”.

O doutor Lopes Matoso não foi precisamente o que se pode chamar de um homem feliz.

Aos dezoito anos de sua vida, quando apenas tinha completado o seu curso de preparatórios, perdeu pai e mãe com poucos meses de intervalo.

Ficou-lhe como tutor um amigo da família, o coronel Barbosa, que o fez continuar com os estudos e formar-se em Direito.

No dia seguinte ao da formatura, o honesto tutor passou-lhe a gerência da avultada fortuna que lhe coubera, dizendo:

– Está rico, menino, está formado, tem um bonito futuro diante de si. Agora é tratar de casar, de ter filhos, de galgar posição. Se eu tivesse filha você já tinha noiva; não tenho, procure-a você mesmo.

Lopes Matoso não gastou muito tempo em procurar: casou-se logo com uma prima de quem sempre gostara, e junto à qual viveu felicíssimo por espaço de dois anos.

Ao começar o terceiro, morreu a esposa, de parto, deixando-lhe uma filhinha.

Lopes Matoso vergou à força do golpe, mas, como homem forte que era, não se deixou abater de vez; reergueu-se e aceitou a nova ordem de coisas que lhe era imposta pela imparcialidade brutal da natureza.

Arranjou de modo seguro seus negócios, mudou-se para uma chácara que possuía perto da cidade, segregou-se dos amigos, e passou a repartir o tempo entre o manusear de bons livros e o cuidar da filha.

Esta, graças às qualidades da ama que lhe foi dada, cresceu sadia e robusta, tornando-se desde logo a vida, a nota alegre do eremitério que se constituía Lopes Matoso.

Visitas de amigos raras tinha ele, porque mesmo não as acoroçoava³: convivência de famílias não linha nenhuma.

Leitura, escrita, gramática, aritmética, álgebra, geometria, geografia, história, francês, espanhol, natação, equitação, ginástica, música, em tudo isso Lopes Matoso exercitou a filha porque em tudo era perito: com ela leu os clássicos portugueses, os autores estrangeiros de melhor nota, e tudo quanto havia de mais seleta na literatura do tempo.

Aos quatorze anos Helena ou Lenita, como a chamavam, era uma rapariga desenvolvida, forte, de caráter formado e instrução acima do vulgar.

Lopes Matoso entendeu que era chegado o tempo de tornar a mudar de vida, e voltou para a cidade.

Lenita teve então ótimos professores de línguas e de ciências; estudou o Italiano, o Alemão, o Inglês, o Latim, o Grego; fez cursos muito completos de matemáticas, de ciências físicas, e não se conservou estranha às mais complexas ciências sociológicas. Tudo lhe era fácil, nenhum campo parecia fechado a seu vasto talento.

Começou a aparecer, a distinguir-se na sociedade.

E não tinha nada de pretensiosa, *bas-bleu*⁴ modesta, retraída mesmo, nos bailes, nas reuniões em que não de raro se achava, ela sabia rodear-se de uma como aura de simpatia, escondendo com arte infinita a sua imensa superioridade.

³ Encorajava.

⁴ Referência às mulheres com pretensões literárias.

Quando, porém, algum bacharel formado de fresco, algum *touriste* recém-vindo de Paris, ou de New York queria campar de sábio, queria fazer de oráculo em sua presença, então é que era vê-la. Com uma candura adoravelmente simulada, com um sorriso de desdenhosa bondade, ela enlaçava o pedante em uma rede de perguntas pífidas, ia-o pouco a pouco estreitando em um círculo de ferro e, por fim, com o ar mais natural do mundo, obrigava-o a contradizer-se, reduzia-o ao mais vergonhoso silêncio.

Os pedidos de casamento sucediam-se: Lopes Matoso consultava a filha.

– É i-los despedindo, meu pai, respondia ela. Escusa que me consulte. Já sabe, eu não me quero casar.

– Mas, filha, olha que mais cedo ou mais tarde é preciso que o faças.

– Algum dia talvez, por enquanto não.

– Sabes que mais? estou quase convencido de que errei e muito na tua educação: dei-te conhecimentos acima da bitola comum e o resultado é ver-te isolada nas alturas a que te levantei. O homem fez-se para a mulher, e a mulher para o homem. O casamento é uma necessidade, já não digo social, mas fisiológica. Não achas, de certo, homem algum digno de ti?

– Não é por isso, é porque ainda não sinto a tal necessidade do casamento. Se eu a sentisse casar-me-ia.

– Mesmo com um homem medíocre?

– De preferência com um homem medíocre. Os grandes homens em geral não são bons maridos. Demais, se os tais senhores grandes homens escolhem quase sempre abaixo de si, por que eu que, na opinião de papai, sou mulher superior, não faria como eles, escolhendo marido que me fosse inferior?

– Sim, para teres uns filhos palermas...

– Os filhos puxariam por mim: a filosofia genésica⁵ ensina que a hereditariedade direta do gênio e do talento é mais comum da mãe para o filho.

– E do pai para a filha, não?

– De certo, e por isso é que eu sou o que sou.

– Lisonjeira!

– Lisonjeiro é papai que quer à fina força que eu seja moça-prodígio, e tanto tem feito que até eu já começo a acreditar. Voltando ao assunto, sobre casamento temos conversado, não falemos mais nisso.

E não falaram. Lopes Matoso ia despedindo os pretendentes com grandes afetações de mágoa – que a menina não queria casar, que era uma original, que ele bem a aconselhava, mas que era trabalho baldado, mil coisas enfim que suavizassem a repulsa.

Sempre no mesmo teor de vida chegou Lenita aos vinte e dois anos, quando um dia amanheceu Lopes Matoso a queixar-se de um mal-estar indescritível, de uma opressão fortíssima no peito. Sobreveio um acesso de tosse, e ele morreu de repente sem haver tempo de chamar um médico, sem coisa nenhuma. Matara-o uma congestão pulmonar.

Lenita quase enlouqueceu de dor: o imprevisto do sucesso, o vácuo súbito e terrível que se fez em torno dela, a superioridade e cultura do seu espírito que refugia a consolações banais, tudo contribuía para acendrar-lhe o sofrimento.

Dias e dias passou a infeliz moça sem sair do quarto, recusando-se a receber visitas, tomando inconscientemente, a instâncias dos fâmulos, algum ligeiro alimento.

⁵ Relativa ao estudo dos genes. Genética.

Por fim reagiu contra a dor: pálida, muito pálida nas suas roupas de luto, ela apareceu aos amigos do pai, recebeu os pêsames fastidiosos do estilo, procurou por todos os meios afazer-se à vida solitária que se lhe abria, vida tristíssima, erma de afetos, povoada de lembranças dolorosas. Tratou de dar direção conveniente aos negócios da casa, e escreveu ao coronel Barbosa, avisando-o de que se retirava temporariamente para a fazenda dele.

Os negócios da casa nenhuma dificuldade ofereciam: a fortuna de Lopes Matoso estava quase toda em apólices e ações de estradas de ferro. Sendo Lenita, como era, filha única, não havia inventário, não havia delonga alguma judicial.

A resposta do coronel Barbosa não se fez esperar – que fosse, que fosse quanto antes; que sua velha esposa entrevada folgara doidamente com a notícia de ir ter junto de si uma moça, uma companheira nova; que com eles só morava um filho único, homem já maduro, casado, mas desde muito separado da mulher, caçador, esquisitão, metido consigo e com os seus livros; enfim que se não demorasse com aprontações, que atabalhasse, e que marcasse o dia para ele a ir buscar.

Uma semana depois estava Lenita instalada na fazenda do velho tutor de seu pai: tinha levado consigo o seu piano, alguns bronzes artísticos, alguns *bibelots* curiosos e muitos livros.

2

Pior do que na cidade, horrível foi a princípio o isolamento de Lenita na fazenda.

A velha octogenária, além de entrevada, era muito surda. O coronel Barbosa, pouco mais moço do que a mulher, sofria de reumatismo, e, às vezes, passava dias e dias metido na cama. O filho, o divorciado, estava caçando havia meses no Paranapanema.

O trabalho da fazenda era dirigido por um administrador caboclo, homem afável, mas ignorantíssimo sobretudo o que não dizia com a lavoura.

Lenita comia quase sempre só na vastíssima varanda; depois de almoçar ou de jantar ia conversar com o coronel, e fazia esforços incriveis para conseguir fazer-se ouvir da velha, que, resignada e risonha, aumentava com a mão trêmula a concha de orelha para apanhar as palavras.

Tal entretenimento cansava a moça, e ela recolhia-se logo aos seus cômodos para ler, para procurar distrair-se.

Tomava um livro, deixava; tomava outro, deixava; era impossível a leitura.

Apertava-lhe, constringia-lhe o ânimo a lembrança do pai. E tudo lho fazia lembrar – uma passagem marcada a unha em um livro, uma folha dobrada em outro.

Saía, ia de novo conversar, tornava a voltar, tornava a sair, era um inferno.

A mulher do administrador, carinhosa já por índole, recebera do patrão recomendações especiais a respeito de Lenita.

A todo o momento eram copos de leite quente, copos de garapa, café, doces, frutas.

Lenita ora recusava, ora aceitava uma ou outra coisa, indiferentemente, só por comprazer à boa mulher.

O coronel Barbosa dera a Lenita uma sala independente, um quarto amplo com duas janelas, e uma alcova; pusera-lhe às ordens, para seu serviço especial, uma mulatinha esperta, de alta trunfa e cor deslavada, e também um molecote acaboclado, risonho, de dentes muito brancos.

Lenita, por vezes, passava horas e horas à janela, contemplando as dependências da fazenda.

Estava esta a meia encosta de um outeiro a cuja fralda corria um ribeirão. Em frente estendia-se o grande pasto. A monotonia de verdura clara era quebrada aqui e ali pelo sombrio da folhagem basta de alguns paus-d'alho deixados propositalmente para sombra, e pelo amarelo sujo das reboleiras de sapé. Ao fundo, de um lado, em corte brusco, a mata virgem, escura, acentuada, maciça quase, confundindo em um só tom mil cores diversíssimas; de outro em colinas suaves, o verde-claro alegre e uniforme dos canaviais agitados sempre pelo vento; mais além, os cafezais alinhados, regulares, contínuos, como um tapete crespo, verde-negro, estendido pelo dorso da morraria. Em um ou outro ponto, a terra roxa de pedra-de-ferro,⁶ desnudada, punha uma nota estrídula de vermelho-escuro, de sangue coagulado.

E sobre tudo isso, azul, diáfano, puro, cetinoso, recurvava-se o céu em uma festa de luz branca, vivificante, mordente...

Quando se embruscava o tempo a paisagem mudava: o céu pardacento, carregado de nuvens plúmbeas,⁷ como que se abaixava, como que queria afogar a terra. O revestimento verde perdia o brilho, empanava-se, amortecia em um desfalecimento úmido.

Lenita deu em sair, em passear pelas cercanias, ora a pé, acompanhada pela mulata, ora a cavalo, seguida pelo rapazinho.

Mas o exercício, a pureza do ar, a liberdade do viver da roça, nada lhe aproveitou.

Uma languidez crescente, um esgotamento de forças, uma prostração quase completa ia-se apoderando de todo o seu ser: não lia, o piano conservava-se mudo.

Com a morte do pai, parecia ter-se-lhe transformado a natureza: já não era forte, já não era viril como em outros tempos. Tinha medo de ficar só, tinha terrores súbitos.

Ia para o quarto da entrevada, recostava-se em uma cadeira preguiçosa, e aí se deixava ficar quieta horas e horas, mal respondendo às perguntas solícitas do coronel...

Quando voltava para os seus aposentos, tomada em caminho por um pavor inexplicável, agarrava-se trêmula à mulata.

Não podia comer, tinha um fastio desolador, cortado por desejos violentos de coisas salgadas, de coisas extravagantes.

Sobrevieram-lhe salivagens constantes, vômitos biliosos quase incoercíveis.

Uma manhã não se pôde levantar.

Acudiram apressados o coronel e a mulher do administrador; abeiraram-se do leito, instando com a enferma para que tomasse um chá de erva-cidreira, um remédio qualquer caseiro, enquanto não vinha o médico que se tinha mandado chamar a toda a pressa.

Quando este chegou estava Lenita abatidíssima: emaciada, lívida, com os olhos afundados em uma auréola cor de bistre, comprimia o peito, estertorava sufocada. Uma como bola subia-lhe do estômago, chegava-lhe à garganta, estrangulava-a. No alto da cabeça, um pouco para a esquerda, tinha uma dor circunscrita, fixa, lancinante, atroz: era como se um prego aí estivesse cravado.

E seu sistema nervoso estava irritadíssimo: o mais ligeiro ruído, o jogo de luz produzido pelo abrir da porta arrancava-lhe gritos.

O doutor Guimarães, médico já velho, de fisionomia inteligente e bondosa, aproximou-se da cama, examinou a enferma detidamente, em silêncio, sem tomar-lhe o pulso, sem incomodá-la na mínima coisa, baixando-se muito, com as mãos cruzadas nas costas, para ouvir-lhe a respiração, para escutar-lhe os gemidos, para atentar-lhe nas contrações da face.

⁶ Seixos marron-escuros compostos de pirita.

⁷ Cor de chumbo.

– Quando começou isto, coronel? perguntou.
– Doente tem ela estado desde que aqui chegou, mas assim, ruim, é só hoje.
– Sufoco! acudam-me! gritou de repente Lenita e, revolvendo-se, escoucinhando, dilacerava a camisa com as mãos ambas, arranhava o peito. Um rubor súbito, vivíssimo, colorira-lhe o rosto, brilhavam-lhe os olhos de modo insólito.

– Sei o que isto é, disse o médico; tenho pela frente um conhecido velho, não me dá cuidado, volto já.

E saiu.

Poucos minutos depois reapareceu, trazendo uma seringinha de Pravaz.⁸

– Dê-me o braço, minha senhora; vou fazer-lhe uma injeção, e verá como daqui a pouco nada mais há de sentir.

Lenita estendeu a custo o braço nu, e o doutor, tomando-o, pôs-se a beliscá-lo morosamente, demoradamente, em um lugar só, na altura do bíceps; depois segurando a parte malaxada⁹ entre o dedo índice e o polegar da mão esquerda, com a direita fez penetrar por baixo da pele a agulha do instrumento e, calcando no cabo do pistão, injetou todo o conteúdo do tubo de vidro.

Lenita, apesar de seu estado de irritabilidade nervosa, nem pareceu sentir.

O efeito foi pronto. Dentro de pouco tempo as faces descoraram, cessaram as crispações nervosas dos membros, ceifaram-se os olhos, e um suspiro de alívio intumescceu-lhe o peito.

Adormeceu.

– Deixemo-la assim, disse o médico, deixemo-la dormir, quando acordar estará boa. Todavia vou receitar: não dispense para estes casos o meu bromureto de potássio.

E saíram nos bicos dos pés. Junto de Lenita ficou a mulher do administrador.

3

Realizou-se o prognóstico do médico.

Lenita, após um comprido sono, acordou calma, com os nervos sossegados, com os músculos distendidos, soltos. Mas estava abatida, mole, queixava-se de peso na cabeça, de grande cansaço. Passou dois dias na cama, e só ao terceiro pôde levantar-se.

O apetite foi voltando aos poucos, e suas refeições foram sendo tomadas com prazer, a horas regulares.

Podia-se dizer que entrara em convalescença do cataclismo orgânico produzido pela morte do pai.

E Lenita sentia-se outra, femininizava-se. Não tinha mais os gostos viris de outros tempos, perdera a sede de ciência: de entre os livros que trouxera procurava os mais sentimentais. Releu *Paulo e Virgínia*, o livro quarto da *Eneida*, o sétimo do *Telêmaco*. A fome picaresca de *Lazarillo de Tormes* fê-la chorar.

Tinha uma vontade esquisita de dedicar-se a quem quer que fosse, de sofrer por um doente, por um inválido. Por vezes lembrou-lhe que, se casasse, teria filhos, criancinhas que dependessem de seus carinhos, de sua solicitude, de seu leite. E achava possível o casamento.

A imagem do pai ia-se esbatendo em uma penumbra de saudade que ainda era dolorosa, mas que já tinha encanto.

Passava horas e horas junto da enterrada, conversava com o coronel, por vezes ria.

⁸ Inventor da seringa.

⁹ Massageada.

– Isto vai melhorar, muito melhor, dizia o bom do homem. É pôr-se você por aí alegre, filhinha. O mundo é assim mesmo: o que não tem remédio remediado está.

Uma tarde, achando-se só em sua sala, Lenita sentiu-se tomada de uma languidez deliciosa, sentou-se na rede, fechou os olhos e entregou-se à modorra branda que produzia o balanço.

Em frente, sobre um consolo, entre outros bronzes que trouxera, estava uma das reduções célebres de Barbedienne, a da estátua de Agasias, conhecida pelo nome de *Gladiador Borghése*.

Um raio mortiço de sol poente, entrando por uma frincha da janela, dava de chapa na estátua, afogueava-a, como que fazia correr sangue e vida no bronze mate.

Lenita abriu os olhos. Atraíu-lhe as vistas o brilho suave do metal ferido pela luz.

Ergueu-se, acercou-se da mesa, fitou com atenção a estátua: aqueles braços, aquelas pernas, aqueles músculos ressaltantes, aqueles tendões retesados, aquela virilidade, aquela robustez, impressionaram-na de modo estranho.

Dezenas de vezes tinha ela estudado e admirado esse primor anatômico em todas as suas minudências cruas, em todos os nadas que constituem a perfeição artística, e nunca experimentara o que então experimentava.

A cerviz taurina,¹⁰ os bíceps encaroçados, o tórax largo, o pélvis estreito, os pontos retraídos das inserções musculares da estátua, tudo parecia corresponder a um ideal plástico que lhe vivera sempre latente no intelecto, e que despertava naquele momento, revelando brutalmente a sua presença.

Lenita não se podia arredar, estava presa, estava fascinada.

Sentia-se fraca e orgulhava-se de sua fraqueza. Atormentava-a um desejo de coisas desconhecidas indefinido, vago, mas imperioso, mordente. Antolhava-se-lhe que havia de ter gozo infinito se toda a força do gladiador se desencadeasse contra ela, pisando-a, machucando-a, triturando-a, fazendo-a em pedaços.

E tinha ímpetos de comer de beijos as formas masculinas, estereotipadas no bronze. Queria abraçar-se, queria confundir-se com elas. De repente corou até a raiz dos cabelos.

Em um momento, por uma como intuscepção¹¹ súbita, aprendera mais sobre si própria do que em todos os seus longos estudos de fisiologia. Conhecera que ela, a mulher superior, apesar de sua poderosa mentalidade, com toda a sua ciência, não passava, na espécie, de uma simples fêmea, e que o que sentia era o desejo, era a necessidade orgânica do macho.

Invadiu-a um desalento imenso, um nojo invencível de si própria.

Robustecer o intelecto desde o desabrochar da razão, perscrutar com paciência, aturadamente, de dia, de noite, a todas as horas, quase todos os departamentos do saber humano, habituar o cérebro a demorar-se sem fadiga na análise sutil dos mais abstrusos problemas da matemática transcendental, e cair de repente, como os arcanjos de Milton,¹² do alto do céu no lodo da terra, sentir-se ferida pelo aguilhão da CARNE, espolhar-se¹³ nas concupiscências do cio, como uma negra boçal, como um cabra, como um animal qualquer... era a suprema humilhação.

Fez um esforço enorme, arrancou-se do feitiço que a dementava, e, vacilante encostando-se aos móveis e às paredes, recolheu-se ao seu quarto, fechou com dificuldade as janelas, atirou-se vestida sobre a cama.

¹⁰ Nuca.

¹¹ Introspecção.

¹² John Milton (1608-74), poeta místico inglês, autor de *Paraíso perdido*.

¹³ Espojar-se. Revolver-se no chão.

Jazeu imóvel largo espaço.

Uma umidade morna, que se lhe ia estendendo por entre as coxas, fê-la erguer-se de súbito, em reação violenta contra a modorra que a prostrara.

Com movimentos sacudidos, nervosos, atirou o xale, desabotoou rápida o corpete, arrebentou os coses da saia preta e das anáguas, ficou em camisa.

Uma larga mancha vermelha, rútila, viva, maculava a alvura da cambraia.

Era a onda catamenial,¹⁴ o fluxo sangüíneo da fecundidade que resumava de seus flancos robustos como da uva esmagada jorra o mosto rubejante.

Mais de cem vezes já a natureza se tinha assim nela manifestado, e nunca lhe causara o que ela então estava sentindo.

Quando aos quatorze anos, após um dia de quebramento e cansaço, se mostrara o fenômeno pela vez primeira, ela ficara louca de terror, acreditara-se ferida de morte, e, com a impudicícia da inocência, correrá em gritos para o pai, contara-lhe tudo.

Lopes Matoso procurara sossegá-la – que não era nada; que isso se dava com todas as mulheres; que evitasse molhadelas, sol, sereno; que dentro de três dias, ou de cinco ao mais tardar, havia de estar boa, que se não assustasse da repetição todos os meses.

Com o tempo, os livros de fisiologia acabaram de a edificar; em Püss aprendera que a menstruação é uma muda epitelial¹⁵ do útero, conjunta por simpatia com a ovulação, e que o terrorífero e caluniado corrimento é apenas uma consequência natural dessa muda.

Resignara-se, afizera-se a mais esta imposição do organismo, assim como já estava afeita a outras. Somente, para estudo de si própria, começara de marcar, com estigmas de lápis vermelho, em calendariozinhos de algibeira, as datas dos aparecimentos.

Anoiteceu.

A mulata a veio chamar para a ceia. Encontrou-a deitada, encolhida, aconchegando-se nas roupas.

Perguntou-lhe se estava doente: ao saber que efetivamente o estava, saiu, avisou o senhor, trouxe as suas cobertas e travesseiros, arranjou uma cama no tapete, ao pé do leito, quedou-se solícita para o que fosse preciso.

O coronel, cheio de cuidados, veio à porta do quarto interrogar a Lenita.

– Que não era nada, respondeu ela, que aquilo não passava de uma indisposição sem consequências, que havia de acordar boa no dia seguinte.

– Menina, você sabe que agora seu pai sou eu. Se precisar de alguma coisa, franquezinha, mande-me chamar a qualquer hora, não receie me incomodar. A pobre da velha lá está aflita, amaldiçoando o tolhimento que a faz não prestar para nada. Não quererá você um chá de salva,¹⁶ um pouco de vinho quente?

– Obrigada, não quero coisa nenhuma.

– Bem, bem, já a deixo em paz. Até amanhã. Procure dormir.

E saiu.

Lenita adormeceu. A princípio foi um dormir interrompido, irrequieto, cortado de pequenos gritos. Depois apoderou-se dela um como langor, um êxtase que não era bem vigília, e que não era bem sono. Sonhou ou antes viu que o gladiador avolumava-se

¹⁴ Menstruação.

¹⁵ Epitélio: tecido sensitivo que reveste certas partes do corpo animal e humano, com funções secretoras ou absorventes.

¹⁶ Tipo de arbusto cujas folhas são utilizadas pela medicina popular com efeito antiespasmódico.

na sua peanha,¹⁷ tomava estatura de homem, abaixava os braços, endireitava-se, descia, caminhava para o seu leito, parava á beira, contemplando-a detidamente, amorosamente.

E Lenita rolava com delícias no eflúvio magnético do seu olhar como na água deliciosa de um banho tépido.

Tremores súbitos percorriam os membros da moça; seus pêlos todos hispidavam-se¹⁸ em uma irritação mordente e lasciva, dolorosa e cheia de gozo.

O gladiador estendeu o braço esquerdo, apoiou-se na cama, sentou-se a meio, ergueu as cobertas, e sempre a fitá-la, risonho, fascinador, foi-se recostando suave até que se deitou de todo, tocando-lhe o corpo com a nudez provocadora de suas formas viris.

O contacto não era o contacto frio e duro de uma estátua de bronze: era o contacto quente e macio de um homem vivo.

E a esse contacto apoderou-se de Lenita um sentimento indefinível: era receio e desejo, temor e volúpia a um tempo. Queria, mas tinha medo.

Colaram-se-lhe nos lábios os lábios do gladiador, seus braços fortes enlaçaram-na seu amplo peito cobriu-lhe o seio delicado.

Lenita ofegava em estremeções de prazer, mas de prazer incompleto, falho, torturante. Abraçando o fantasma de sua alucinação, ela revolvía-se como uma besta-fera no ardor do cio. A tonicidade nervosa, o eretismo,¹⁹ o orgasmo, manifestava-se em tudo, no palpar dos lábios túmidos, nos bicos dos seios cupidamente retesados.

Em uma convulsão desmaiou.

4

Lenita voltava à saúde a olhos vistos.

Levantava-se cedo, tomava um copo de leite quente, dava um passeio pelo campo, almoçava com apetite, depois do almoço sentava-se ao piano, tocava com brio peças marciais, alegres, movimentadas, de ritmo sacudido.

Ia ao pomar, comia frutas, trepava em árvores.

Jantava, ceava, deitava-se logo depois da ceia, levava a noite de um sono.

Tornara-se garrida: mirava-se muito ao espelho, cuidava com impertinência do alinhamento do vestir, ornava os cabelos, que eram muito pretos, com flores de cor muito viva.

Abusava de perfumes: a sua roupa branca recendia a vetiver,²⁰ a sândalo,²¹ a ixora,²² a *Peau d'Espagne*.²³

Corria, saltava, fazia longas excursões a cavalo, quase sempre a galope, estimulando o animal com o chicotinho, com o chapéu, de faces rubras, brilhantes os olhos, cabelos soltos ao vento.

Caçava.

Um dia calmoso, depois do almoço, tomou uma espingardinha Galand²⁴ de que habitualmente usava, atravessou o pasto, enfiou por um carreadouro²⁵ sombrio, através de um vasto trato de mata virgem.

¹⁷ Pequeno pedestal onde se colocam estátuas ou imagens.

¹⁸ Eriçavam-se.

¹⁹ Estado anormal de excitação de determinados órgãos.

²⁰ Tipo de gramínea e o perfume dela obtido.

²¹ Tipo de arbusto do qual é extraído um famoso perfume.

²² Tipo de arbusto.

²³ Nome de um perfume francês.

²⁴ Arma de pequeno calibre, de fabricação francesa.

²⁵ Caminho por onde passam os carros no campo.

Seguiu distraída, em cisma, avançou muito, foi longe.

De repente prendeu-lhe a atenção um murmurejar de águas, doce, monótono, à esquerda.

Tinha sede, teve desejo de beber, tomou para lá, seguindo uma trilha estreita.

Parou assombrada ante o cenário majestoso que a pouca distância se lhe adregou.

No fundo de uma barroca²⁶ muito vasta erguia-se um paredão de pedra negra, musgoso, talhado a pique: por sobre ele atirava-se um jorro de água que ia formar no talvegue²⁷ da barroca um lagozinho manso, profundo, cristalino.

Escadando por sobre o açude natural que fechava a barroca pelo lado de baixo, derivava-se a água, sonora, fugitiva.

No espelho calmo do lago refletia-se a vegetação luxuriante que o emoldurava.

Perobas gigantescas de fronde escura e casca rugosa; jequitibás seculares, esparramando no azul do céu a expansão verde de suas copadas alegres; figueiras brancas de raízes chatas, protraídas,²⁸ a estender ao longe, horizontalmente, os galhos desconformes, como grandes membros humanos aleijados; canchins de folhas espinhentas, a destilar pelas fibras do córtex vermelho-escuro um leite cáustico, venenoso; guaratãs esbeltos, lisos no tronco, muito elevados; taiúvas claras; paus-d'alho verde-negrosos viçosíssimos, fétidos; guaiapás perigosos, abrolhados em acúleos²⁹ lancinantes e peçonhentos; mil lianas, mil trepadeiras, mil orquídeas diversas, de flores roxas, amarelas, azuis, escarlates, brancas, – tudo isso se confundia em uma massa matizada, em uma orgia de verdura, em um deboche de cores que excedia, que fatigava a imaginação. O sol, dardejando feixes luminosos por entre a folhagem, mosqueava o solo pardo de reflexos verdejantes.

Insetos multicolores esvoaçavam zumbindo, sussurrando. Um sorocoá³⁰ bronzeado soltava de uma caneleira seu sibilo intercadente.

Uma exalação capitosa subia da terra, casava-se estranhamente à essência sutil que se desprendia das orquídeas fragrantes: era um misto de perfume suavíssimo e de cheiro áspero de raízes e de seiva, que relaxava os nervos, que adormecia o cérebro.

Lenita hauriu³¹ a sorvos largos esse ambiente embriagador, deixou-se vencer dos amavios³² da floresta.

Apoderou-se dela um desejo ardente, irresistível de banhar-se nessa água fresca, de perturbar esse lago calmo.

Circunvolveu os olhos, perscrutou tudo à roda, a ver se alguém a poderia estar espreitando.

– Tolice! pensou, o coronel não sai, o administrador e os escravos estão no serviço, no cafezal, não há ninguém de fora na fazenda. Demais, nem isto é caminho. Estou só, absolutamente só.

Depôs a espingarda e junto dela o chapéu de palha, de abas largas que a protegia nesses passeios; começou a despir-se.

Tirou o paletozinho, o corpete espartilhado, depois a saia preta, as anáguas.

²⁶ Terreno irregular.

²⁷ Linha sinuosa em fundo de vale, formada pelo encontro de duas vertentes, e onde se acumulam as águas que delas descem.

²⁸ Espichadas.

²⁹ Espinhos.

³⁰ Tipo de ave.

³¹ Respirou.

³² Encantos.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

